



EDITORIAL

POR CÁ TAMBÉM

Maio ficou marcado, em Portugal, por uma tímida aparição do movimento que em 2017 nasceu nos EUA com a designação #MeToo. As vezes que, por cá, denunciaram situações de assédio sexual por parte de figuras de relevo cultural depressa foram achincalhadas e desacreditadas na praça pública – que hoje é, em grande medida, as redes sociais. E uma multidão de outras vozes depressa ocorreu a defender os acusados, ou seja, a tomar o partido do alegado agressor, e nunca o da alegada vítima. Uma das nossas investigadoras discute, neste número, o que está em causa na polémica. I.E.

TEORIA POLÍTICA

CORRUPÇÃO UMA VEZ MAIS

A 19 de maio, Emanuela Ceva (da Universidade de Genebra) e Maria Paola Ferretti (Goethe-Universität Frankfurt am Main, na imagem) trouxeram ao ciclo de seminários *Ethics and Political Philosophy 2020-21* – promovidos pelo Centro de Ética, Política e Sociedade e organizados por Giuseppe Ballacci e Daniele Santoro – o seu mais recente livro, *Political Corruption: The Internal Enemy of Public Institutions* (Oxford University Press, 2021), numa reflexão comentada por Camila Vergara (Columbia University) e Mark Warren (University of British Columbia). Analisando estruturalmente o fenómeno da corrupção, também em casos recentes da política internacional, os autores identificam as suas causas estão para além do carácter individual ou mecanismos internos das instituições, sugerindo que práticas ativas de anticorrupção devem assentar numa ética pública de escrutínio e prestação de contas dos decisores.



A RESPONSABILIZAÇÃO DA BANCA EUROPEIA

Decorreu a 27 de maio a 16ª sessão do grupo de leitura PREDPOD, com enfoque na reflexão de Jens van't Klooster (KU Leuven / Universidade de Amsterdão, à direita) em torno da natureza e função dos bancos centrais à luz da Teoria da Justiça de Rawls e do conceito de democracia de proprietários. O evento contou, igualmente, com a presença de Josep Ferret (Universidade Pompeu Fabra, imagem em baixo, à esquerda) e Andrew Lister (Queen's University, em baixo à direita), numa discussão que escrutinou a independência e democraticidade dos bancos centrais. A iniciativa insere-se no projeto do CEPS *Repensar o Estado Social: Democracia de Proprietários e Pré-Distribuição*, coordenado por R. Merrill (ELACH), cujo grupo de leitura, dinamizado por Catarina Neves, reúne quinzenalmente, analisando a produção académica sobre o Estado Social.



POÉTICAS EM LINGUA PORTUGUESA

A RECEPÇÃO DO QUINHENTISMO

Nos dias 7, 14 e 21 de maio realizaram-se, no âmbito da UC de Estudos Camonianos, três seminários integrados no projeto de investigação "Reescrever o século XVI", no qual estão envolvidos investigadores da ELACH (VER) e da Univ. de São Paulo. O projeto visa estudar o século XVI pela reanálise de fontes quinhentistas e pelo entendimento dos diversos significados historicamente atribuídos ao século XVI, numa ótica renovada, analisando a recepção do Quinhentismo nas literaturas brasileira e portuguesa do século XIX, nos modernismos e na contemporaneidade. Assim, os seminários de Vagner Camilo, "Recepção das Endechas camonianas a Bárbara escrava na literatura brasileira" (7 de maio), e de Anderson Antonangelo (na imagem à direita, 14 de maio), "Ecos camonianos na poesia lírica de Manuel Bandeira", rastream as influências de Camões e a prevalência do seu legado poético na obra de dois autores brasileiros, respetivamente Luís Gama e Manuel Bandeira. No dia 21, foi a vez de Márcia Arruda Franco (imagem abaixo, a amarelo) apresentar "Poesia visual camoniana e quinhentista", seminário no qual reapreciou as diversas manifestações de poesia visual na lírica de Camões e de outros poetas quinhentistas.



JORNADAS

LÍNGUAS APLICADAS

Decorreram de 10 a 13 de maio as II Jornadas de Línguas Aplicadas, organizadas pelo Núcleo do Curso, o NELAUM, em torno da Linguagem Inclusiva e Sem Barreiras. Foram quatro dias com temas e oradores variados. “O Bilinguismo – Factos e Mitos” integrou o leque das apresentações no 3º dia, com a participação de Cristina Flores. O último dia do cartaz contou com *alumni* e alunos de outras Universidades, em formato mesa redonda alusivos aos temas: Línguas Aplicadas pelo Mundo; *Where are they now?* Houve ainda lugar a *workshops* sobre língua gestual portuguesa (Carolina Reis) e gestão de tempo com Sandra Cunha (imagem acima).



ESTUDOS CULTURAIS



A Licenciatura em Estudos Culturais, através do núcleo AECECUM, também organizou as suas jornadas durante o mês de maio. O feminino esteve em destaque nos temas apresentados. Ana Bessa Carvalho (na imagem à esquerda) falou sobre “Fazer-se Mulher: Feminismos *Queer* e Interseccionalidade” e Ana Gabriela Macedo apresentou “Re-Visões da História e representações do feminino na arte contemporânea em 'encontro colonial'”. No programa estiveram ainda as “Entidades Culturais e as suas Realidades”, com a presença dos responsáveis do Museu dos Biscainhos, do Museu D. Diogo de Sousa, *GNRATION* e *Cosmic Burger*, intervenções mediadas pela Inês Costa do Departamento de Comunicação e Marketing do INL. Sendo Braga cidade candidata a Capital Europeia da Cultura os 25 participantes puderam ouvir Carolina Lapa, responsável pela Comunicação do projeto.



LÍNGUA E CULTURA ITALIANAS

Decorreu a 19 de maio a edição anual das Jornadas de Italiano, este ano com o título “Made in Italy”. A organização ficou a cargo dos alunos de Italiano B1, UC lecionada pelo Prof. Giovanni Tedesco. O formato foi presencial, contando com cerca de 120 alunos dos cursos de LA, LLE, Filosofia e EC, e ainda NI e RI. Foram apresentados diversos vídeos, realizados pelos alunos, sobre as Casas de Moda Italianas mais emblemáticas, nomeadamente a Gucci, a Prada e a Valentino. Esteve presente o Doutor Paolo Andreoni da ASCIPDA, a Associação Socio-cultural Italiana de Portugal Dante Alighieri, que fez uma pequena apresentação da sua associação e apresentou o “Dialogo della Moda e della Morte” de Giacomo Leopardi. Houve ainda lugar a uma aula aberta dirigida pelo Professor Profice da ASCIPDA, sobre a História e Identidade da Moda em Itália.



PRÉMIO

ALUNO DE VIOLINO GALARDOADO

Francisco Pinto, aluno da Licenciatura em Música, foi distinguido com o 1º prémio *ex aequo*, na categoria Violino Superior, no VI Concurso Nacional de Cordas Vasco Barbosa, cuja final decorreu de forma presencial no Palácio Fronteira (Lisboa) a 16 de maio.



SEMINÁRIO



TRADUÇÃO E INTERCULTURALIDADE

O grupo de investigação GAPS, no âmbito do projeto *WomanArt*, promoveu, no dia 7, o trigésimo seminário, dedicado à Tradução e Interculturalidade. A sessão, online, contou com três oradores convidados: Margarida Vale de Gato (Universidade de Lisboa), Raja Litwinoff (Falas Afrikanas/ Literaturas Afrikanas) e Apolo de Carvalho (Associação Afrolis / Coletivo Djidiu: A Herança do Ouvido, na imagem ao lado).

OPINIÃO

#MeTOO, ASSÉDIO SEXUAL E INJUSTIÇA EPISTÉMICA

Por: Cátia Faria (CEPS)

Aproximadamente quatro anos depois do escândalo Weinstein que iniciou, nos Estados Unidos, o movimento viral #MeToo, chega a Portugal, já tarde, o homónimo #EuTambém. Longe de ser um movimento punitivo, cujo objetivo seria arrastar homens respeitáveis para a chamada “cultura do cancelamento”, o #MeToo é, essencialmente, um movimento de reconhecimento da prevalência do assédio e abuso sexual na vida das mulheres e um primeiro passo no processo de reparação da injustiça há muito sofrida por estas. Não se trata só de reconhecer a injustiça que supõem o assédio e o abuso sexual em si, mas, também, e de forma crucial, a negação e distorção sistemática da voz das mulheres na transmissão da sua experiência do mundo. Por outras palavras, o #MeToo é uma resposta à injustiça epistémica de que as mulheres são alvo.

Em primeiro lugar, o #MeToo repara a injustiça testemunhal, a variante mais clara de injustiça epistémica, que ocorre quando a palavra de alguém recebe menos credibilidade, devido a um estereótipo sobre o grupo social a que pertence. Por exemplo, o estereótipo de que as mulheres tendem a agir com base na emoção e não na razão e, por conseguinte, a exagerar relatos e a reagir de forma desproporcional ao que lhes acontece. Produz-se uma injustiça testemunhal quando uma mulher procura transmitir o seu conhecimento experiencial sobre assédio sexual e sobre as dinâmicas de poder baseadas no género em contexto laboral ou social, e o seu testemunho é desacreditado e descartado. O #MeToo devolve ao testemunho das mulheres a credibilidade que lhe é devida.

Em segundo lugar, o #MeToo repara a injustiça hermenêutica, a outra variante de injustiça epistémica, que ocorre quando alguém é incapaz de identificar uma experiência de ‘vitimização’ (sua ou alheia) por não possuir os recursos interpretativos necessários para caracterizar os eventos em questão como prejudiciais. Apesar de o conceito de assédio sexual existir formalmente em Portugal, continua sem ser entendido culturalmente. Isto implica que muitas mulheres que são vítimas de assédio sexual são incapazes de conceptualizar a experiência como tal e que outras, apesar de dominarem o conceito, enfrentam enormes dificuldades em ser entendidas quando explicam as suas experiências a outras pessoas. O #MeToo proporciona um marco interpretativo para o reconhecimento do assédio ou abuso sexual, permitindo às mulheres dar sentido a experiências que, apesar de sempre dolorosas, é fortemente do seu interesse tornar inteligíveis socialmente.

